

Correção da Ficha de Trabalho de grupo 9 sobre o tema da Cultura – 9.1.2014 – 12ªA

1. O bebé, à nascença, tem a capacidade inata de **simbolização**, entendida como predisposição genética, para aprender uma linguagem. A disposição inata para a linguagem reside na maturação dos mecanismos neurológicos corticais (antes e depois do nascimento). As **aptidões sensoriais** da criança representam outras competências relacionais do bebé e são pré-natais: permitem à criança ser capaz de usar os sentidos para efectuar discriminações visuais, auditivas, tácteis, olfactivas e gustativas. A capacidade de **imitação e a observação**, bem como as interações precoces com outros seres humanos (nível de sociabilidade), permitem ao bebé desenvolver-se na aquisição de competências linguísticas, cognitivas, afectivas e sociais/culturais. O desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano depende da conjugação de factores internos (a maturação orgânica) e dos estímulos externos (meio social e cultural). Todas estas capacidades constituem, em conjunto, uma predisposição genética para a sociabilidade e constituem competências perceptivas, cerebrais, simbólicas e relacionais.

2. Aspectos essenciais a desenvolver na resposta sobre os casos de «crianças selvagens»: a)- a humanidade não é inata, ou biologicamente causada pela hereditariedade; b)- há períodos críticos, ou fases críticas, relacionadas com a maturação orgânica, particularmente do sistema nervoso, que condicionam a aquisição de competências especificamente humanas, como a capacidade de simbolização (usar conceitos ou representações abstractas para pensar e agir sobre o mundo) e a linguagem. Depois destas fases críticas, a reeducação das crianças selvagens é muito difícil, se não mesmo impossível; c)- por último, deve-se concluir que a humanização é um processo de aprendizagem que deriva, sobretudo, da socialização e da influência cultural.

3. Uma definição directa e simples do conceito de socialização – é o processo de aprendizagem social e cultural que tem em vista a integração plena do indivíduo numa dada sociedade.

4. A socialização primária decorre na infância e na adolescência, leva à aprendizagem de hábitos básicos indispensáveis para a adaptação dos indivíduos à vida social quotidiana. A socialização secundária ocorre na idade adulta, quando o jovem se torna autónomo, quer em relação ao seu núcleo familiar de origem, quer segundo o ponto de vista económico. A entrada do jovem na vida activa (constituição de família e entrada no mundo do trabalho) são aspectos que marcam o início da socialização secundária. A exigência de novas aprendizagens e adaptações, as alterações de estatuto e papel social, enfim, a alteração na condição social dos indivíduos (por exemplo, casar, ser pai/mãe, trabalhar, pagar impostos, votar, entrar na idade de reforma, etc.).

5. Conceito de cultura. Existem diversas definições possíveis para esta noção. Podemos entender cultura como um conjunto de valores materiais e espirituais, de realizações humanas, compostas por obras (produtos materiais) e saberes (criações espirituais). A cultura é fruto da inteligência e imaginação humanas, representa o mundo criado por nós, expressão do nosso modo de adaptação e modificação da natureza. A cultura é um conjunto de comportamentos, normas e valores que se encontra definido em vários padrões (padrões de cultura), constitui um património comum de um povo, a sua identidade e características próprias (história, tradições, língua, costumes, modos de ser, pensar e agir), e que é um legado transmitido de geração em geração. A cultura é o mundo próprio do humano (só os seres humanos possuem um mundo) e opõe-se à noção de natureza: é o instrumento de adaptação humano ao meio e representa um capital de conhecimento indispensável à continuidade da espécie.

6. A cultura influencia a natureza, levando os seres humanos a corrigi-la e a aumentar a sua eficácia. Há neste aspecto uma relação de complementaridade. Por exemplo, o homem, através da ciência e da tecnologia pode criar melhores cereais por modificação genética, aumentando a sua produção e resistência a doenças. Pela medicina, o homem combate doenças e aumenta a esperança de vida e qualidade das pessoas. O modo como

o homem se adapta ao mundo natural, para aproveitar os seus recursos naturais e tentar aperfeiçoá-la, faz-se por meio da cultura. Todavia, a noção de cultura opõe-se à ideia de natureza. A cultura pertence ao domínio do adquirido, do que se aprende e transmite por meio da influência social, regula-se por normas (convenções) racionais, é a marca específica dos seres humanos e é particular (cada cultura é um caso particular da adaptação humana à natureza, de tal modo que não há uma só cultura, mas diversidade de culturas). Por sua vez, a noção de natureza remete para tudo o que no homem se deve ao inato, ao hereditário, refere-se ao domínio do espontâneo (isto é, do instinto), designa tudo o que é comum a todos os animais e é universal (as leis da natureza são comuns a seres vivos e seres humanos).

7. As categorias básicas das condutas culturais são três: 1)- construção de objectos materiais; 2)- produção de relações sociais e 3)- criação de sistemas simbólicos de comunicação. É suficiente definir de um modo simples cada uma das categorias enunciadas.

8. O conceito de «padrão cultural» representa um conjunto de formas colectivas de comportamento que permitem fixar uma espécie de “normalidade social”, moldando a conduta dos indivíduos e permitir o seu carácter previsível de conduta. Os padrões de cultura estabelecem sistemas de controlo social, incidindo sobre o comportamento das pessoas, definindo os limites do que é aceitável fazer e o que é absolutamente proibido. Estabelecem sistemas de sanções (positivas ou negativas) e de expectativas (o que podemos esperar dos outros e o que os outros podem esperar também de nós próprios).

9. Os padrões culturais são importantes para a vida do ser humano porque permitem regular o comportamento dos indivíduos – são quadros de referência inculcados na socialização – e permitem a sua integração social. Determinam uma consciência colectiva de “normalidade social” e determinam as expectativas dos indivíduos e dos grupos sociais. Ao definir um quadro de sanções sociais, os padrões de cultura delimitam também os comportamentos que são tolerados e aprovados e aqueles que são objecto de repulsa, vistos como “tabu”.

10. A identidade do ser humano pode ser definida segundo quatro aspectos – podemos falar de uma identidade cósmica, de uma identidade planetária (ou específica), de uma identidade cultural e de uma identidade individual (pessoal). O aluno deve apresentar o significado de cada um destes aspectos.

11. As experiências vividas, bem como o sentimento de auto-realização, são noções carregadas de significado pessoal subjectivo, e são importantes para construir a nossa personalidade própria. A noção de significado realiza a síntese entre o carácter singular de cada pessoa e a sua situação, ou contexto actual de vida: a nossa vida é um horizonte de experiências acumuladas impregnadas de significados pessoais (o significado que as vivências têm para cada um de nós). O significado pessoal expressa um modo de auto-conhecimento e de conhecimento dos outros e do mundo circundante – ao atribuir significado para as nossas experiências, cada ser humano integra os seus modos de ser, agir, pensar, sentir e ver face a si próprio e ao mundo.

12. A auto-organização é uma construção consciente da nossa individualidade, é o modo como a nossa história pessoal integra todas as vivências e influências de factores genéticos e culturais. A auto-organização é o modo como os seres humanos agem para criar ordem e sentido ao conjunto múltiplo de experiências vividas. A auto-organização permite-nos construir um sentido coerente e contínuo, de nós e do mundo envolvente. A auto-organização é o modo próprio como cada um integra na sua história de vida pessoal o fluxo de experiências resultantes do nosso encontro com o mundo – este conceito representa a nossa capacidade de autodeterminação e de autonomia.

13. Desde o momento em que nascemos até que morremos, somos alvo de uma pressão social, isto é, estamos sujeitos a um processo de socialização e de influência cultural. O homem é obrigado a socializar-se, mas é esta obrigação exterior que conduz o homem ao exercício efectivo e pleno da sua liberdade, bem como da sua autonomia pessoal. A pressão social é feita pela socialização, pois interiorizamos o modo de ser, agir e

pensar em conformidade como que a sociedade estabelece como «padrão» aceitável para a nossa conduta individual. A pressão social procura moldar a conduta de cada indivíduo e facilitar a sua integração social. Quer isto dizer que deixamos, por assim dizer, de ser livres? A resposta é negativa. Só podemos ser livres em relações sociais de interdependência, em relações que estabelecemos com outros seres humanos – a liberdade é relativa, é um dado relacional, “ser-livre” é “ser-livre-com”, e isso só se torna possível numa sociedade organizada que deixa sempre espaço para cada um, enquanto ser livre, “auto-organizar-se” e, desse modo, definir a sua individualidade nos limites que a própria sociedade impõe exteriormente a cada um.

14. A herança genética liga-se a todos os aspectos que são transmitidos pela hereditariedade, prende-se com a transmissão de caracteres que formam o genótipo de cada indivíduo a um nível estritamente biológico (hereditariedade específica e individual). Por sua vez, a herança, ou legado cultural, é transmitido socialmente e é o produto das aprendizagens que cruzam a influência/contacto de várias gerações de indivíduos. O homem é um ser «bio-socio-cultural», ou seja, uma síntese de genética e de cultura, sendo relevante assinalar que na humanidade a cultura faz regredir a influência das reacções instintivas.

15. O conceito de riqueza/diversidade humana pode ser explorado criticamente tomando em consideração três aspectos: a)- não há no mundo duas pessoas geneticamente idênticas (se exceptuarmos os casos dos gémeos monozigóticos), isto é, há diversidade biológica; b)- no mundo humano há diversidade cultural, não há uma cultura única ou padrão, pois a adaptação humana varia no espaço e no tempo, particularizando-se em sociedades que se estruturam de acordo com padrões de cultura diferenciados e variáveis, portanto, referimo-nos à existência de uma diversidade cultural; por último, c)- há uma diversidade individual, pois as pessoas não estão determinadas a agir de um modo único, não somos seres que se limitam a interiorizar e a reproduzir condutas impostas exteriormente pela sociedade – pelo contrário, dada a nossa complexidade comportamental, cada indivíduo ao adaptar-se à sociedade/cultura em que vive torna-se único, singular, irrepetível – assim, podemos referir a existência de uma diversidade individual.